

ESFORÇO GLOBAL PELO ACESSO À TERRA

Por AnaCris Bittencourt e Iracema Dantas

Ibase. Enero 2005

A reforma agrária, a segurança alimentar e o acesso aos recursos naturais foram os temas de destaque no quarto dia de Fórum Social Mundial em Porto Alegre. O encontro teve a organização do Fórum Mundial pela Reforma Agrária (FMRA), que reúne 200 instituições de 70 países. Para traçar um cenário global e nacional sobre a situação fundiária, entrevistamos o representante do Ibase no Comitê Internacional Preparatório do FMRA, Sérgio Leite. "A idéia é passar para um público maior o que significa hoje o dilema de mais de 3 bilhões de pessoas que vivem no campo e que têm os mais diversos tipos de problemas", explicou ele, que também coordena o Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CPDA/UFRRJ). Confira a entrevista exclusiva concedida ao IbaseNet.

IbaseNet - Qual o objetivo de reunir vários movimentos sociais que trabalham com a questão da terra durante o FSM 2005?

Sérgio Leite - Organizamos essa atividade com a idéia de repassar às representações da sociedade civil presentes ao FSM os resultados do primeiro Fórum Mundial da Reforma Agrária, que ocorreu em Valença, Espanha, em dezembro. Enfocamos três grandes eixos do tema: a perspectiva histórica da luta pela terra no mundo e seus significados; a discussão sobre transnacionalização, globalização, soberania alimentar e todos os temas relacionados à luta pela terra; e a discussão sobre estratégias e projetos futuros de organização, de luta e articulação de novos atores e redes. Em Valença, contamos com representações de muitos países, mas todos ligados ao tema agrário. O FSM é o cenário ideal para fazer uma ponte com a sociedade civil e termos uma perspectiva mais geral. Para complementar essa atividade, estamos produzindo um livro com os principais resultados do encontro de Valença, além de um vídeo que está sendo transmitido aqui.

IbaseNet - Como o processo Fórum Social Mundial vem fortalecendo a luta pela reforma agrária?

Sérgio Leite - O FSM permite tornar essa luta mais visível para um número significativo de pessoas. Muitas jamais ouviram falar da discussão sobre sustentabilidade em áreas agrárias. Este é um espaço privilegiado para divulgar o tema e fazer mais alianças e articulações.

IbaseNet - Há mais de 20 anos, foi criada a Campanha Nacional pela Reforma Agrária, da qual você participou. Como está essa iniciativa hoje?

Sérgio Leite - A campanha foi criada em 1983 pelo Ibase, que ficou com sua Secretaria Executiva até 1994. A partir daí, se transformou no Fórum Brasileiro pela Reforma Agrária e contra a Violência no Campo. Reúne diversas organizações que lutam pelo direito de acesso à terra, com sede em Brasília. Com esse fórum, temos monitorado tanto os processos de luta pela terra como de implantação de políticas públicas para que isso aconteça.

IbaseNet - Quais os principais destaques da declaração final aprovada no encontro de Valença?

Sérgio Leite - Primeiro, a importância de dar visibilidade a esse mundo rural. Em dados momentos e circuitos, parece que o rural não existe mais. Nesse mundo estão incluídas as organizações indígenas, quilombolas, extrativistas, trabalhadores rurais, sem-terra, camponeses. Enfim, envolve uma multiplicidade de formas e cores politicamente muito importante. O segundo ponto é retirar da pauta da Organização Mundial do Comércio o tema da alimentação e da agricultura. Essa discussão na OMC tem prejudicado especialmente os países em desenvolvimento, onde a produção camponesa é um reduto importante da sua produção agropecuária. O terceiro ponto refere-se a reunir esforços para ampliar a luta pela reforma agrária numa perspectiva mais geral. Considerando a diversidade de movimentos que envolvem a questão, é preciso criar alguns denominadores comuns. As discussões pelo acesso à terra, à água, enfim, aos mais diversos recursos naturais - cada uma com diferentes formas de luta - são importantes e podem unificar demandas. Entram aí também as questões da alimentação e da saúde humana de uma forma mais geral.

IbaseNet - O FMRA vai procurar interferir na próxima rodada de negociações da OMC? Quando será?

Sérgio Leite - O calendário está um pouco perturbado depois dos últimos fracassos, do atraso com a negociação sobre a Alca e, mais recentemente, dos impasses em torno do acordo Mercosul-União Europeia. Não sei exatamente como ficará este ano, de qualquer forma, o cronograma originalmente previsto não está mais valendo em nenhuma dessas três instâncias. Mas podemos dizer que a agricultura está sendo o calcanhar-de-aquiles dessas discussões internacionais.

IbaseNet - Isso é fruto das pressões da sociedade civil sobre o tema agrário?

Sérgio Leite - Creio que sim, sobretudo em temas como a transnacionalização e as empresas multinacionais; e o debate sobre os transgênicos e seus impactos na saúde animal e humana. Esses temas têm imposto uma rediscussão sobre comércio agrícola no mundo.

IbaseNet - A produção de alimentos transgênicos é apontada por alguns setores, e a imprensa, como uma solução para a fome no mundo. O que você pensa sobre isso?

Sérgio Leite - A idéia de que é mais fácil aumentar a produção agropecuária com a produção de alimentos transgênicos e, com isso, diminuir a carência alimentar, é muito divulgada. O problema são os impactos tanto sobre o meio ambiente - estamos vendo isso agora, com o caso da soja que está sofrendo uma invasão de doenças pesadas no Brasil - e, sobretudo, sobre a própria saúde humana. É como descobrir um pé para cobrir o outro, a produção aumenta sim, mas de uma forma que violenta a natureza e a pessoa que vai consumir o produto final. É importante ter clareza de que há alternativas com grandes rendimentos produtivos, tecnologicamente falando, que não passam pela transgenia, há vários modelos agroecológicos que têm apresentado bons resultados.

É importante criticar a produção de soja transgênica, mas também não se pode incentivar a monocultura da soja, como tem acontecido. Na realidade, o que está sendo colocado em xeque é o próprio modelo produtor fundado na monocultura das grandes propriedades. Fazer uma produção agropecuária monocultora não-transgênica também é complicado do ponto de vista social, especialmente quando envolve processos de altíssima concentração fundiária, como é o caso brasileiro. Além de evitar a transgenia, é necessário haver uma distribuição de terras mais eficiente para garantir um processo calcado na agricultura familiar que, do ponto de

vista da sustentabilidade, é mais amigável ao meio ambiente.

IbaseNet - Mas com tanto incentivo às exportações e ao agronegócio, o Brasil está indo por um caminho diferente, não?

Sérgio Leite - As últimas modificações institucionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento parecem reforçar isso, visto que estão fortalecendo uma estratégia fundada no agronegócio exportador. Alguns exemplos são a forte expansão de milho e, particularmente, da soja em áreas da Amazonia brasileira e do Nordeste. Segundo estudo do Instituto Socioambiental, Mato Grosso, Rondônia, Amapá, Pará e Chapada do Piauí estão hoje ocupados pela soja. Eram terras de mata, que foram desmatadas há três anos e hoje estão só produzindo soja. Isso envolve impactos não apenas ambientais: no caso da Chapada do Piauí, os pequenos agricultores foram retirados de suas terras para viver em ecossistemas onde não estão habituados para deixar espaço à produção de soja.

IbaseNet - Isso não seria um contraponto ao próprio empenho do governo Lula de incentivar a agricultura familiar no país?

Sérgio Leite - O governo Lula, na verdade, vive uma contradição forte. Somos talvez o único país do mundo com dois ministérios para tratar da questão da agricultura: o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Isso era uma contradição no governo anterior e permanece como ponto fortemente contraditório no governo atual. A contradição está no fato de que, ainda que a reforma agrária esteja caminhando de forma mais lenta do que gostaríamos e do que foi inicialmente pensado, há iniciativas positivas, fortalecendo determinados campos da agricultura familiar e de assentamentos. Por outro lado, o governo investe em recursos humanos e financeiros numa estratégia para consolidar o modelo de agroexportação.

IbaseNet - Se a reforma agrária está sendo feita em ritmo lento, o que seria considerado o ideal?

Sérgio Leite - Informações divulgadas esta semana pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário apontam o assentamento, em 2004, de 81.400 famílias, abaixo portanto das 115 mil famílias previstas no Plano Nacional de Reforma Agrária. Há entraves de ordem jurídica, que não dependem do ministério e, de certa forma, atrasam o cronograma. Mas também há entraves da parte administrativa e institucional do próprio ministério.

Ao lado disso, há iniciativas interessantes, como a desapropriação de terras por quem não cumprir as funções relativas ao meio ambiente e toda a pressão que se faz hoje para desapropriar terras nas quais sejam detectadas a utilização de mão-de-obra escrava. São duas vertentes importantes, mas é preciso acelerar um pouco mais o aproveitamento de terras ociosas para fins de reforma agrária. É preciso que o governo Lula invista um pouco mais de recursos, serão necessários, pelo menos, mais 700 milhões, não previstos no orçamento, para que o Incra possa realizar a reforma agrária. É preciso dinheiro e agilidade burocrática.

IbaseNet - O que mais emperra a reforma agrária no Brasil?

Sérgio Leite - A necessidade de agilizar o processo judicial. A discussão que se faz hoje sobre o controle externo do Judiciário precisa incluir a dimensão agrária, que é muito específica, demanda um tratamento especial, principalmente em regiões do Brasil como o Norte. Também é crucial melhorar as condições de implantação dos assentamentos. Já existe um movimento do governo nessa direção, mas a precariedade dos projetos ainda é gritante, como falta de acesso à água, à energia

elétrica, a casas, ao crédito. Não adianta só distribuir terra, é necessário melhorar as condições de vida e infra-estrutura das pessoas assentadas.

IbaseNet - Existe um modelo ideal de reforma agrária que possa ser exemplo para o Brasil?

Sérgio Leite - É muito complicado falar em modelo porque são situações muito diferentes, existem experiências positivas na Argélia, no México, na Nicarágua, mas não há como falar em modelo, senão corremos o risco de 'achatar' a luta pela terra no Brasil.

IbaseNet - Depois deste FSM, qual o próximo passo do comitê internacional da FMRA?

Sérgio Leite - Ainda não é uma decisão oficial, mas posso dizer que estamos pensando em realizar um segundo Fórum Mundial de Reforma Agrária em um país da América Latina, da África ou da Ásia, mas, por enquanto, são meras especulações.